“Eis aqui a senhora Joaquina Augusta, da casa da Vessada, a quem o seu acréscimo de propriedades e riquezas em rendosos dinheiros conferia já o título de dona. Tinha cinquenta e oito anos, mantinha-se com uma esbelteza de rapariga, se bem que um tanto corcovada e de cabeleira totalmente branca. Estava ela no apogeu das suas faculdades de administradora, de discernimento e de vivacidade. Sabia fruir o prazer da lisonja, sem lhe ceder os seus interesses; sabia ser cauta, sem deixar de ser audaciosa. Sabia ser generosa sem prejuízo seu e sem estabelecer entre ela e o desafortunado ou o vencido essa espécie de relações odiosas, comuns no mundo dos que mutuamente se espoliam e se degradam. Estava perfeita no seu cargo de sibila, pois conhecia a alma humana de dentro para fora, o que é talvez prever sempre nela o imprevisível, sem, porém, chegar a compreendê-la. Era uma fortaleza de prudência cuja torre de menagem era sempre a vaidade. Mas não passava duma mulherzinha inteiramente ignara, tola e vulnerável de coração, no dia em que aceitou em sua casa aquela criança e incondicionalmente a adoptou. […]

Ficava, pois, a seu cargo a criança. Estava ela registada com o nome de Emílio, mas, como todas as crianças antes do baptismo são chamadas Custódios pelo povo, aos quatro anos designavam-

-no apenas como tal, e nunca o reconheceram com outro nome. Custódio ficou, portanto. E esse nome, que tinha em si qualquer coisa de apenas tolerante, depreciativo sem qualquer rancorosa intenção, mas, simplesmente, era indício de limbo, catecúmeno, extratemplo, extravida, Quina não pôde jamais libertá-lo dele e fazê-lo esquecer. […]

O amor pela criança fizera-se nela tão devastador, tão profundo, que ela não ousava interrogar de frente a sua razão, que outrora era o seu orgulho mais fixo e mais soberbo.”

Agustina Bessa Luís. A Sibila, 2009, Porto: Guimarães Editores (texto com supressões)